

AS INSTITUTAS
por
Rui Silva

Aos Professores

Se um dia, por acaso, vos chegar
às “justas” mãos os versos que escrevi,
não pensem, por vingança, em me chumbar,
que até contra esse mal me precavi.
Meu nome tive pejo em assinar,
mas de outros bons conselhos recebi:
não me entregar na vossa consciência
nem esperar que tivésseis clemência.

I

Pela alvorada que a cidade alcança,
dos leitos quentes, muito fatigados,
- que no dormir, a “malta” já se cansa -
vão uns e outros, saindo enregelados,
enquanto no Instituto pára a dança.
Os Maestros se encontram preparados...
E nesta infernal dança de destinos,
nós somos afinal só dançarinos.

II

Ouve-se lá no alto a campainha,
qual clarim a anunciar batalha.
Outras vezes não toca, coitadinha,
pois que ela só toca quando calha...
Mas toque ou não toque bem juntinha,
a malta avança e nunca se tresmalha.
E aqueles que a entrar são derradeiros,
decerto na saída são primeiros.

III

É então que um contínuo atarracado,
com ar de fora e estilo de mausão,
“amanda” cá de trás profundo brado,
lançando entre nós a confusão:
- “Inconomia” - grita esganiçado.
E a malta ri com gosto do calão ...
Mas ria-se, amigo, cá por fora:
você vai ver lá dentro que até chora.

IV

Fala mui bem, tem voz insinuante,
e de idiomas, conhece dois ou três.
Eu “gramo” ouvir um tipo bem falante
enrolar uma turma de uma vez ...
Mas mais “gramo” ainda o desplante
do tom em que “assassina” o inglês:
pelo que vi, amigos, podem crer,
que nem Sathiagrah se pode ser.

V

Saíram todos tão aborrecidos,
cansados de sofrer um tal assédio,
que nas faces dos heróis assim vencidos,
além da raiva e sono, há também tédio.
Mas eu vou dar-vos já em comprimidos
para tão grande mal, maior remédio:
o Zé d’Abreu vai dar-vos num momento
oitenta folhas do Antigo Testamento.

VI

E mal tinha entrado lá p’ra dentro,
a “malta” veio logo em debandada...
É que no quadro negro, mesmo ao centro,
estava uma enorme trapalhada!
E um minuto mais tarde, quando entro,
já a matéria estava explicada...
E como um louco, eu rio, canto e grito,
e sinto-me a tender p’ró infinito.

VII

E já uns dez minutos decorridos
que, dali, nos saíramos cavando,
um som agudo chega-nos aos ouvidos:
a campainha em toque de comando;
indiferente a todos os gemidos
que a alma, só de ouvir, ia cortando,
mandou a malta toda, de uma vez,
“gramar” um bocadinho de francês.

VIII

Eu tinha entrado lá muito p'ró fundo,
e lá p'ró fundo me tinha acomodado,
decidindo sair cá deste mundo
para dormir apenas um bocado.
Mas quando acordo dum sono tão profundo
já o gongue final tinha soado.
Tinham levado a hora toda cheia
a dizer mal da santa vida alheia!

IX

Senhores, isso é miséria, não ensino!
Miséria amarfalhante e desnudada.
Fala-se de tudo e todos; não atino
porque nunca de francês se falou nada.
Mas ai do desgraçado que o Destino
lance no meio da aula desalmada,
que andarás na “berlinda” e na “tortura”
pelas ruas e becos da amargura!

X

Nós temos por desgraça uma cadeira
de uma matéria muito aborrecida.
Tratamos pois de entrar na brincadeira
e esperar p'lo toque da saída ...
Joga-se ao poker e ao berlinde na carteira,
às cartas, dominó e à pedida ...
E lá atrás, há muitos como eu,
deleitando-se nos braços de Morfeu.

XI

A vossa aula, senhora, que enfadonha,
oh coisa tão mal organizada!
A “malta” cabeceia, dorme e sonha,
p'la vossa “linda” voz bem embalada.
E dizem, (se é verdade é uma vergonha)
em baixa voz e muito p'la calada,
que quem vê as frequência da cadeira
é a vossa ilustre e digna sopeira.

XII

Benditas sejam tais disciplinas
que, como esta, nos prestam bons favores.
Mas, oh colegas, se sois gentis meninas,
arranjem, de futuro, uns cobertores
pois que o frio corta e as percilinas
ajudam afinal só os doutores ...
E depois disto, juro-vos que não
darei mais faltas a organização.

XIII

Há um certo sujeito, mui bem posto
- cem por cento janota no trajar,
selecto, optimista, bem disposto -
que espalha à sua volta no andar
sorrisos, palmadinhas que é um gosto
p´ra quem nunca o teve de aturar.
Pois se há gente que o ama e o adora,
eu cá, só gosto dele ... à caçadora.

XIV

Entra p´ra aula alegre e saltitante,
e a “malta” arvora o seu melhor sorriso.
Cumprimenta-nos, dobrando-se elegante,
e tudo nos parece um paraíso.
Apenas há por vezes certo instante
em que ele não parece ter juízo:
como espalhar dos bolsos, por mania,
na secretária, toda a porcaria.

XV

Correi meninas. Apertai-lhe a mão.
Dizei-lhe segredinhos, fazei-o vosso amigo.
Façam-lhe versos, abri-lhe o coração.
Enfim ... fazei aquilo que eu vos digo,
que eu estourarei de riso pelo chão
quando as vir na hora do castigo
olharem na vitrina p´rós papéis
e em vez de treze ou quinze ... verem seis.

XVI

A quem, por desgraça, já ouviu
uma lição por certo professor,
pode dizer melhor o que sentiu
de que este vosso humilde servidor.
Como eu assisti, quem assistiu
apenas mergulhado num torpor,
ao bom Deus pedia que o ouvisse
p'ra que ao abrir os olhos o não visse.

XVII

Homero, Miquerinos, Salomão ...
e vai citando o nome de mais gente
como Temísclotes, Sócrates e Catão.
Igual “chaga” p'ros Romanos do Ocidente.
E quando ao final chega a lição,
não vê o “pobrezinho”, o “inocente”,
que se até para dormir há cerimónias
é porque tal matéria causa insónias.

XVIII

Oh Historiador, oh grande Catilina
das almas que te aturam todo o dia,
se te poupa a minha língua viperina
é porque entre “cegos” tens categoria.
Mas já que ouvir-te foi a nossa sina,
eu quero só saber, por teimosia:
até onde levarás a indecência
de abusares da nossa paciência?

XIX

Envolvido em acesa discussão,
a todos ia, aos poucos, respondendo;
sabia eu estar fora da razão,
mas mesmo sem razão fui defendendo
a minha errada ideia, pois que eu não
me afasto nunca sem ter o que pretendo.
De que nos vale então o bom Direito,
senão para entortar o que está feito?

XX

No nariz, às cavalitas, as lunetas,
pela cadeira abaixo escorregando,
“cuspindo”, quando escreve, nas canetas,
e chega à aula sempre galopando.
Que nunca aqui encontra os seus jarretas
pois que, ao ouvi-lo, a “malta” vai “cavando”
e aqui vos apresento com respeito,
o Mestre, o tal, o fera de Direito.

XXI

Aquela lata velha, esburacada,
que por qualquer milagre ‘inda trabalha,
sem tinta, toda suja e amolgada,
o trânsito envergonha e atrapalha.
Diz ele que é um carro, por piada ...
Pois o que eu penso, e a ideia da “maralha”,
é que aquilo não é mais que uma “cisterna”,
“latrina” onde os cães alçam a perna!

XXII

Tremendo pelo medo, açoitados,
co'olhos bem abertos p'lo pavor,
amavelmente nós somos convidados
a mostrarmos perante o professor
todo o saber e jeito acumulados
em longas horas de sofrimento e dor.
Mas ele não perdoa e nós, os servos,
iremos pôr à prova os nossos nervos.

XXIII

Olha p'ra “malta”, severo e justiceiro,
enquanto esfolheia a caderneta ...
Procura o mártir, procura o cordeiro,
pronuncia-lhe o nome, aponta-lhe a caneta.
-“You!”, grita-lhe ele chocarreiro,
e quase arrasta o pobre pela jaqueta.
E muito de mansinho, sem restolho,
limpa-lhe o sebo, enquanto esfrega um olho.

XXIV

Conceitos de justiça mentirosa
espalha entre nós este senhor.
Exemplos? nenhuns! Decerto é prosa
criada p'ra formar um “professor” ...
Ninguém desdiga pessoa tão “ditosa”
pois sei de alguns alunos de valor
que, ousando desdizê-lo uma só vez,
repetiram por três anos a Inglês.

XXV

“Senhores alunos olhem para mim”!
Reparem, por favor, muita atenção;
se na Teórica deram isto assim,
assim tenho eu de dar esta lição ...
Não vêem que se para aqui vim,
não foi por ser assim nenhum “sabão”!
Foi neste termos que ele nos falou,
e, quanto ao “sabão”, a “malta” acreditou.

XXVI

“A aula é prática; é p’ra praticar”!
Assim dizia ele, assim dizia ...
E ao ouvi-lo, p’ra “malta”, assim falar,
eu cá fechava os olhos e sorria;
é que, sem q’rer, fazia-me lembrar,
na sua bata branca, todo o dia,
um indivíduo muito prazenteiro,
que outro não é senão o meu barbeiro.

XXVII

“Matar-me com trabalho? Que doidice!”
A gente ganha o mesmo descansando.
E se pagam por hora, é uma tolice
estar o tempo todo trabalhando.
Para ele o trabalho é uma chatice
e pelo muito que fui observando,
com o ensino não fez nenhum consórcio
nem da profissão, tão pouco, um sacerdócio.

XXVIII

Há uma matéria por vezes engraçada
que nos ensina cá pelo “cortiço”,
que embora nos pareça uma estopada,
também nos presta às vezes bom serviço.
Era aquela que eu tinha mais estudada
sem nunca ter puxado pelo toutiço ...
A minha vida não sei o que seria
se não houvesse cá Caligrafia ...

XXIX

Com aparos e canetas bem armados,
nas unhas o papel, no braço o jeito,
lá vamos, quais meninos educados,
mostrar à professora, com respeito,
os traços e tracinhos mal traçados
quando tentamos traçá-los a direito.
E lidando com traços todo o dia,
sonhava sempre à noite co’a Sofia.

XXX

A Dona e o Dono da Estenografia,
com o cargo oficial de “chumbadores”,
resolveram sair da “casca” um dia
e transformaram as pautas nuns horrores.
Protesta a “malta” contra tal razia
erguendo para eles mil clamores.
Como se acaso fossem os culpados
de tão sujos e atrozes resultados!

XXXI

Se perguntarem qual a utilidade
que para os peritos terá a Esteno um dia,
eu dir-vos-ei, amigos, que é verdade,
não ter p'ra nós alguma serventia.
Assim, se ela existe, é por maldade
de quem ousou, por mera fantasia,
com riscos e risquinhos, de repente,
decidir-se a “tramar” a vida à gente.

XXXII

E não é só a “Esteno” que me afina;
a “Dactilogra” p'ra mim é prato igual,
e nunca por desgraça a gente atina
a razão porque sofremos tanto mal.
“Gramar” os professores é nossa sina,
já que p'ra isso largamos o “metal” ...
Apenas meus senhores, são “baboseiras”
aquilo a que outros chamam de cadeiras.

XXXIII

Vários sistemas há p'ra se aprender
a escrever à máquina com rapidez.
O principal, claro, é perceber
porque razão a gente muita vez
pode usar um só dedo e escrever
melhor do que se fora com os dez!
Pois se usarem assim truques iguais,
tirareis vinte e, às vezes, muito mais ...

XXXIV

Rodeados de “cheiros” miudinhos
que p’los narizes nos vão insuflando,
desconfiados, olhamos p’rós vizinhos
p’ra ver donde o perigo bem chegando.
Claro que eu refiro-me aos cheirinhos
que das destilações se vão soltando.
E muitas vezes até do bom humor
que pensa ter o nosso professor.

XXXV

As piadas que ele larga – francamente! -
têm barbas tão compridas, tão compridas,
que, se a minha memória me não mente,
já o Vasco da Gama nas partidas
as costumava contar à sua gente ...
Mas ele tem na mão as nossas vidas
e então, p’ra procedermos com juízo,
exibimos uma amostra de sorriso!

XXXVI

Não sei qual o decreto, qual a lei,
que de anedotas lhe deu o exclusivo.
Apenas o que eu digo, porque sei,
é que toda aquela farsa, aquele riso,
faz-me lembrar a “graxa” que a um Rei
daria o cortesão de mais juízo,
pois que de todos, na lisonja iguais,
eu fui - confesso - aquele que riu mais.

XXXVII

Mais reboludo, o outro professor,
não tendo como este “tanta” graça,
é p’la língua, das moças o terror ...
e p’lo ensino, de todos a desgraça.
A minha ideia sobre tal senhor
não é ideia vã, nem é devassa.
De Química é capaz de perceber,
quanto ao resto, parece nada ver.

XXXVIII

Na boca, sempre dito chocarreiro,
nos olhos expressão maliciosa.
Tendo lá na terra bom dinheiro,
podia aí viver vida ociosa...
Mas vai-nos cá maçando o ano inteiro,
e sai-se de uma forma tão airosa,
que o raposão, matreiro e muito astuto,
resolveu descansar cá no Instituto!

XXXIX

Aprecia o bom vinho, a boa mesa,
justificando ser um lavrador.
Das aulas o encargo não lhe pesa
já que não leva a peito tal labor.
A vida para ele é uma beleza!
O mundo parece-lhe um primor!
E a “malta” que se aguente, que se amole,
para que ele, no descanso, encha o fole.

XL

Para elevar o nível de cultura,
que cá p'lo Instituto anda abalado,
apareceu aqui a certa altura
um cavalheiro muito atarefado
que, sem reparar na “alta” que o atura,
vai dando tal matéria de atacado
que eu garanto, sem medo de quezília,
chegar bem p'ra uma casa de família.

XLI

Ainda há pouco tempo ele evitava
falar na aula p'ra qualquer pequena...
Pois quando alguma acaso o fixava
podia-se assistir a esta cena:
um professor co'a face encarnada
metendo, só de vê-lo, tanta pena.
Que são falhas da glândula tiróide
ou então um caso “exquis” a pedir Freud!

XLII

Agora já não cora, nem gagueja
(o casamento faz bem a toda a gente).
Entrou solteiro e triste numa igreja,
saiu casado e muito mais contente!
E você, pequena, seja lá quem seja,
tenha cuidado pois, que de repente,
aquela amostra de homem (com valor?)
saiu cheio de manha e de vigor.

XLIII

Apresento-vos agora (felizmente,
para fugir a tal maledicência!)
um mestre, um sábio, um expoente,
que ensina com muita eficiência
a Química Teórica, int'ligente.
Ensina e não nos “maça” a paciência.
No entanto, meus amigos, cuidadinho,
que ele não é assim nenhum anjinho.

XLIV

Arranca das entranhas do seu peito,
com um berro tremendo, esmagador,
uma “lagosta” daquelas de respeito
e vai deitá-la, a seguir, no “escarrador”.
Estremece a aula inteira deste jeito
e, passada a tormenta, o professor
nota, com surpresa, a coisa rara
de a “malta“, no lugar, limpar a cara.

XLV

Pessoa calma e mesmo até bondosa,
(um facto raro cá pelo “cortiço”!).
Se se irrita, no entanto, é tão teimosa
que nada neste mundo, nem enguiço,
lhe faz mudar de fim, de gesto ou prosa.
Quem pode muito bem explicar isso
é o Acácio que, desde era medievais,
quase a esmurra, só p'ra mandar mais.

XLVI

Ah, Direito Fiscal, ah, grande chaga
aberta neste curso maçador,
serias bem melhor se uma vaga
nos desse para ti um PROFESSOR!
Pois esse que lá está, co'a bolsa paga,
não vê nada daquilo e, por rancor,
num latim porco, “usis” da boémia,
é asneira, guincho e ‘inda blasfémia.

XLVII

Ei-lo buscando frases emproadas,
com termos falsos, chatos e bicudos...
Não vias os alunos? Tu pensavas
que, lá por'tarmos quietos, quase mudos,
íamos ouvindo as tuas “bordoadas”
na Gramática, na Lógica, e em tudo?
Eu, por exemplo, sisudo e cruel,
cortava-te a casaca num papel.

XLVIII

A ler p'los livros, a ler p'los calhamaços,
sem um grão de saber, sem uma ideia,
supondo a “malta” um grupo de palhaços,
não vê que somos nós a plateia...
E o “pedante”, num largo erguer de braços,
afirma descobertas de mão-cheia
como aquela: “A própria Economia,
antes de haver, ainda não havia”.

XLIX

Que crime, ó Deus, que crime cometemos,
para ouvirmos tamanha afirmação?

Os economistas que nós já conhecemos
revoltam-se nas tumbas onde estão...

“A propriedade é um roubo” – concordemos
em parte co’esta frase de Proudhon;
mas maior roubo qu’inda se conhece
é o de pagar a quem o não merece.

L

Oiçam amigos: era meu intento
dizer-vos mal, meter num reboliço
aquele que se julga um portento
mas traz no corpo a marca de um “chouriço”.
Para tal me não faltou o meu talento;
apenas eu pensei que a culpa disso,
e de tudo o que mais aconteceu,
foi só afinal de quem o cá meteu.

LI

“Eu tive dois alunos do liceu,
e por sinal de escrita primorosa...”
Basta, senhor! Se isso aconteceu,
não nos “chateie” mais com essa prosa...
“Uma certa relutância, noto eu...”
... e a mesma frase “chata” e desairosa
sacode-nos co’os nervos, outra vez,
e, com esta, quinhentas num só mês!

LII

“Adentro”, “afora” - amigos e demais,
não é sequer falar de uma criança!
Os meus gestos, termos sempre iguais,
isto aborrece, amigos, isto cansa.
Natural pois que aos ditos principais,
num gesto de alegria, mostre a pança.
(A “pança” é aquele odre, imundo e grosso,
que vai desde os joelhos ao pescoço).

LIII

Não falo mais, nas minhas versalhadas,
do Chouriço e das suas tropelias...
Além disso, não dou mais “bordoadas”
ao Boquinhas e às suas fantasias.
Mas estes dois anjnhos, de mãos dadas,
de halos de oiro e asas luzidias,
numa equipa de nulidades velhas
formam os dois um rico par de “azelhas”

LIV

Mas não é lama só que nós cá temos,
nem é só a plebe quem ensina;
há condes e barões, e nós sabemos
que, ao menos, são de nome gente fina.
E no alto da nobreza ver podemos,
co’as mãos erguidas e co’os pés por cima,
um César enorme e rubicundo,
com “tachos” a granel por todo o mundo.

LV

Tem numa mão a pobre Geografia
e tem na outra três contabilidades.
Dá aulas toda a noite e todo o dia,
tem escritas em cinco ou seis cidades,
o emprego certo e - amigos, quem diria ? -
tem'inda outras responsabilidades.
E como não chegasse, o manganão,
é o delegado junto à Associação.

LVI

Nas aulas, só de vê-lo até dá gosto
no trato excepcional para as meninas.
E se a barriga lhe dá algum desgosto,
a corte é bem discreta e das mais finas.
Mas se desejam vê-lo bem disposto,
marrai e empinaí todas as minas
que ele gosta de ver que o aluno faz
a coisa de que nunca foi capaz.

LVII

Um dia em conversa muito amena
com um amigo, sobre certas leis,
abordámos um assunto que faz pena,
já que o Direito só existe nos papeis.
E assim foi sem querer que veio à cena
o porquê dele nos dar só dezasseis;
a resposta a isso é à Lógica que cabe
pois cada um só dá a nota do que sabe.

LVIII

Nesta casa há exemplos d'injustiça
em exames, em notas e em matérias.
E o caso mais irrita e mais se atiça
pois no Natal e Páscoa não há férias.
As notas altas, de raras, são cobiça...
Os exames para eles são só lérias...
E gozam só esquecidos que os fizeram
e da linda "barraca" que eles deram.

LIX

Julgais vós p'la "malta" ser amado,
oh, meu senhor, ginasta int'lectual!?
Pensais que a gente vai no vosso fado,
mas esse estilo é chato e sempre igual;
e se um só dia olhásseis bem p'ro lado
após o uso do termo "bestial",
não veríeis um rosto só, "casmurro",
embora, amigo, vos chamassem "burro".

LX

"Parafusos", "dois dedos de cultura",
"ginástica mental", "massa cinzenta"...
E ele mesmo de hora a hora assegura
que em Português nós somos "morte lenta".
E embora "arreeis" asneira com fartura,
se a "malta" disser uma apenas tenta,
acorre a criticar, mete "bedelho",
sem ver a própria imagem num espelho.

LXI

A História, meus amigos, fá-la ele
e é ele quem na tem na sua mão...
Vocês lembram-se daquela frase dele
de o Maomé ter sido um espertalhão?
Mas eu sei de melhor: conheço aquele
pseudo-pensamento, afirmação,
“os romanos atacados de rompante,
a atacadores passaram num instante”.

LXII

O Caixeiro-viajante da Ciência,
com um casaco branco e um ar fero,
perante a admiração da assistência,
abre ali mesmo a mala e tira o zero.
Amigos, não achais que é uma indecência
um indivíduo saudável como um pêro,
e tendo assim casaco tão branquinho,
não ir apregoar “squimó fresquinho”?

LXIII

Um Mestre da má-língua e da ousadia,
um “mauzão”, já “amansado” felizmente,
“chumbava” vinte e trinta num só dia
e'inda batia as palmas de contente.
Gabava-se ele - e a “malta” já sabia,
por experiência nossa, tristemente -
que todo o que é um homem pequenino
ou é um velhaco ou então um bailarino.

LXIV

Vós sois como uma estranha enciclopédia:
sabeis de tudo e a tudo responder...
A nossa cultura é apenas intermédia
entre a ignorância e o vosso “conhecer”.
Em altura, sois menos do que a média,
mas crescereis um dia ao morrer:
pois então ver-vos-ei, sem ódio algum,
passar de menos dois a menos um!

LXV

Um ponto dele, autêntica charada,
faz tremer muitos fracos e sabões,
pois quando a gente “espreme” não sai nada.
“Para tais pontos não existem soluções!”
é o que pensa a “malta” angustiada
num terror que nos aperta os corações.
E ele, que é pequeno, faz agora
os “calmeirões” sofrer e “andar à nora”.

LXVI

Ó Moura, “sebenteiro”, ó maroto,
montaste a banca aqui p’lo Instituto?
Tu pensas que por ‘star o mundo “roto”
não haja ‘inda um artigo no Estatuto
que, p’los fundos das calças e p’lo “goto”,
te ponha lá p’ra fora num minuto?
“Sebento”! Tem vergonha e põe-te a andar!
Sê bom rapaz; começa a trabalhar!

LXVII

Tu fazes concorrência à'ssociação,
mas concorrência suja e desleal.
Queres ter o monopólio de ladrão
e não vês que na vida o principal
não é ficarmos co'a parte de leão,
mas sabermos dividir o "bolo" igual.
E assim com o negócio bem montado,
podeis roubar cada um para seu lado.

LXVIII

Quando eu p'ra aqui entrei, tu já cá estavas
e, pelos vistos, estarás quando eu sair...
E enquanto não tiveres uns cinco "espadas"
continuarás apontamentos a impingir.
Olha Mourinha, evita tais maçadas,
pois que ainda te podes redimir...
Mas se vais enganar mais inocentes,
eu sou expulso, mas quebro-te dois dentes.

LXIX

Ó contínuos! Ó corja de piratas!
Ó torpes da mais baixa condição!
Se os cães são cães por terem quatro patas,
vós finais p'lo mesmo diapasão.
Devíeis ser zarpados a chibatas
como soe fazer-se ao mais vil poltrão
e o chefe Acácio, qu' é o pirata-mor,
apanhava dentre todos co'a maior.

LXX

Perdoa, ó grande Acácio! Tu sabias
que a minha “verborreia” assustadora
não podia poupar as fantasias
de um caixa de aparência enganadora.
Não quero eu dizer que tu enfias
“verde barrete” à malta pagadora.
Apenas muitas vezes, meu pingente,
esqueces-te de dar o troco à gente.

LXXI

Há casos muito raros de excepção
de malvados que vós representais;
as mulheres, por exemplo, não estão
entre vocês, nem são das principais.
Eu quis-me referir co’a afirmação
àqueles de entre vós, aos animais
que, quais polícias grotescos e ranhosos,
cá nos perseguem como a cães raivosos.

LXXII

Ó Costa, donde vens? Donde saíste?
Onde é que estavas, que estavas tão calado?
Se soubesses bem o antro em que caíste,
irias ensinar para outro lado.
Mas já que tu cá estás e que já viste
como isto está velhinho e acabado,
leva as coisas com calma e com “pilhéria”,
não te corrompas, Amigo, co’a miséria!

LXXIII

Soam trombetas, rufam os tambores.
Dobra-se a malta, inteira, pela espinha;
reunem-se à pressa uns vinte professores
pr'a ver a personagem que lá vinha.
- Quem sois? – pergunta um d'entre os doutores.
- O Conde, Amigos, e a honra é toda minha...
Mas eu digo, depois de o conhecer,
que a honra é só da casa que o tiver.

LXXIV

Ó Coimbra dos horários e minutas,
dos requerimentos e selos aos montões,
tu pões as nossas bolsas quase enxutas
e torturas os nossos corações.
Eu quis-te excluir das Institutas,
mas pensando melhor, dois aldrabões,
usando bata branca todo o dia,
possam “montar” melhor a barbearia.

LXXV

Eis aqui o meu poema; na verdade
vai cheio de um escárnio que arre pia.
Não é que eu seja todo só maldade,
mas sou quem os atura todo o dia.
Se mais não “arreei”, por piedade,
não foi, porque disso não havia.
Eu não fui mais que a voz da consciência
dos exaustos de corpo e paciência.